

corrente de relógio enorme e com um medalhão forrado de violentíssimos brilhantes. É o destino da terra: depois da tirania do capitão-mor, o guante *amável* do comendador. . . Nas redações dessa imprensa alienígena, os brasileiros foram sempre fantoches”(197).

O quadro tem muito de caricatural, sem dúvida, e aprecia os traços exteriores do problema, mas também muito de verdadeiro, de bem apanhado, de exato. E que relações há entre o capital comercial, apreciado apenas como português pelo intérprete, e o Estado? Continua Luís Edmundo: “E não há jornal, dos que são tidos por nossos, por mais simpático que seja à causa brasileira, que ouse dar guarida, apadrinhar o assunto que nos interessa, medroso, sempre, de desgostar o amigo comendador, porque esse, se quiser (sabem todos muito bem disto), num só gesto, como um Satanás de mágica, pode reduzir esse mesmo jornal a fanicos. Como? Perguntar-se-á. De um modo muito simples: suspendendo-lhe o crédito, tirando-lhe os anúncios, abrindo, contra ele, à socapa, uma campanha comercial terrível, contando, para isso, ainda, com a solidariedade da grei que à gazeta pros-crita nunca mais cederá, nem mesmo a toneladas de ouro, um só dedal de tinta, um palmo de papel. (. . .) Os homens do governo sabem todos, e muito bem, do que se passa. Se sabem! Não tomam, no entanto, providências capazes de corrigir a anomalia, de evitar, para nós, tamanha humilhação. Não lhes convém. A imprensa fora da mão do brasileiro é o que serve. Quando alguém mais afoito os interpela sobre o caso, sorriem displicentes. Futilidades! Patriotadas! Melhor gente do que essa não pode haver! Tudo porque a imprensa da capital da República, em sua quase totalidade, rolando sobre molas silenciosas, é um aparelho modelar de subserviência e ternura, que os homens da politicagem enfeitiçam. Afora uma discus-sõezinhas tênues sobre matéria de administração, uns ataques cobardes e restritamente pessoais a pobres funcionários subalternos, sem proteção ou responsabilidade na vida administrativa do país, o que se vê, sempre, por esses provectorios órgãos que se apresentam como genuínos representantes da opinião nacional, é o fumaréu de incenso turibulando o ato do governo, do ‘benemérito e patriótico governo que felicita esta República’, a barre-tada de louvores a S. Excia. o ‘honrado Sr. Presidente da República’, a girândola de loas e gabos ao Senador X, ‘em cujas mãos repousam feliz-mente os destinos políticos desta grande nação. . .’ Dos maiores proble-mas do país não cuidam essas gazetas. A terra continua imunda e atrasada como nos tempos coloniais, a cidade é um monstro onde as epidemias se albergam dançando *sabats* magníficos, aldeia melancólica de prédios velhos